

Breves reflexões metodológicas sobre trabalho de campo em uma favela carioca

Brief methodological reflections on fieldwork in a favela of Rio de Janeiro city

JULIANA BLASI CUNHA

RESUMO:

O presente artigo decorre da pesquisa de minha tese, que tem como tema a trama articulada em torno do processo de implementação de políticas públicas em duas favelas vizinhas, situadas na nobre Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, que formam o chamado “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo”. O processo pelo qual passam essas duas favelas — Cantagalo e Pavão-Pavãozinho — teve início em fins de 2007, envolvendo algumas das políticas públicas de maior visibilidade no âmbito político nacional, tais como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) e ainda o processo de regularização urbanística e fundiária. Mais especificamente, pretende-se apresentar as principais questões abordadas na tese e sobretudo discutir dimensões do meu trabalho de campo, problematizando algumas importantes questões relacionadas ao método etnográfico.

Palavras-chave: Políticas públicas, Favelas, Método etnográfico.

ABSTRACT:

This article is related with the research of my thesis, that is about complex web surrounding public interventions imposed at the group of *favelas* of Rio de Janeiro city known as Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo. This dissertation is articulated around the recent process of implementing public policies in two neighboring *favelas* in the zona sul of the city of Rio de Janeiro. This process, started in 2007, involves some of the most visible policies in the current political scenario, such as the Program for Accelerating Growth (PAC), The Pacification Police Units (UPP) and also policies for urban and land regulation. More specifically, it is intended to present the main issues addressed in the thesis and especially discuss dimensions of my field work, highlighting some important issues related to the ethnographic method.

Keywords: Public policies, *Favela*, Ethnographic method.

1. A PASSEATA DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO COMO ESTOPIM: PRIMEIRO CONTATO COM OBJETO DE ESTUDO.

Domingo, 20 de janeiro de 2008. Típico domingo de verão na cidade do Rio de Janeiro: calor intenso e milhares de pessoas se aglomeravam ao longo da orla das praias de Ipanema e Leblon. Nessa época do ano, a faixa de areia e o “calçadão” entre os postos 7 e 12 estão quase sempre repletos de pessoas. Muitas dessas pessoas são moradoras desses dois nobres bairros ou vindas de outras áreas, próximas ou longínquas, da mesma cidade. Outros tantos são turistas em férias vindos de diversas cidades brasileiras e ainda de outros países. Aos domingos as duas pistas da Avenida Vieira Souto ficam fechadas das 9h às 19h, para expandir a área disponível aos frequentadores. No “calçadão” e em duas pistas fechadas pessoas passeiam, observam o movimento, circulam a pé, de bicicleta ou de patins e *skate*. A praia é o lugar de lazer por excelência nessa cidade e, entre outras ali existentes, a de Ipanema é uma das mais procuradas.

Além de um dos metros quadrados mais caros do Brasil¹, a praia de Ipanema, com o morro Dois Irmãos ao fundo, é um dos principais cartões postais do Rio de Janeiro. Foi nesse cenário que, em 20/01/2008, os moradores da favela do Cantagalo realizaram uma manifestação. Um dos acessos do Cantagalo localiza-se a apenas três quadras da praia de Ipanema, na Rua Teixeira de Melo, esquina com Rua Barão da Torre. Eram, aproximadamente, dez horas da manhã quando os moradores da favela do Cantagalo se reuniram em frente ao posto 8 de Ipanema. Reunidos, os moradores protestaram caminhando até o posto 9 pelas pistas fechadas da Avenida Vieira Souto.

É certo que os moradores não estavam em grande número, mas, entre os que se faziam presentes, alguns tocavam instrumentos percussivos, com os quais conseguiram atrair alguma atenção para sua manifestação. Muitos moradores

¹ Segundo, por exemplo, a reportagem do jornal O Globo, o metro quadrado ali custa em média o dobro do de um imóvel no bairro mais caro de São Paulo, Vila Nova Conceição. “Por R\$ 11 milhões, é possível comprar um imóvel na Avenida Vieira Souto, em frente à praia de Ipanema, de 280 m² de área construída, com 4 quartos, sendo 2 suítes, e 2 vagas de garagem. Com o mesmo valor, em São Paulo, o comprador poderia fechar negócio em um apartamento de 578 m² – mais do que o dobro do tamanho do imóvel do Rio –, com 4 suítes e 6 vagas de garagem na Vila Nova Conceição, que, localizado ao lado do Parque Ibirapuera, é o bairro mais caro da capital paulista”. <http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/06/no-rio-m-de-imovel-de-luxo-pode-custar-mais-que-o-dobro-do-de-sp.html> (acessado em 18/06/2014).

exibiam cartazes escritos à mão com dizeres como: “Srs. Governantes, respeito aos moradores do morro do Cantagalo. Não à remoção. Sim ao Progresso”, “Metrô sim! Desapropriação não” e “Não à remoção! Sim à urbanização!”.

Além de ser um clássico domingo de verão carioca de praia lotada, a data na qual se realizou a manifestação — 20 de janeiro — corresponde ao dia do padroeiro da cidade do Rio de Janeiro: São Sebastião. Diante dos moradores do “asfalto” do nobre bairro de Ipanema e de toda uma plateia que naquele local se encontrava, os moradores do Cantagalo protestaram contra as ameaças de remoção que estavam sofrendo, deixando claro o que queriam: continuar a “ser parte” daquele bairro. No dia em que a cidade celebrava seu padroeiro, a passeata buscava trazer para a esfera pública a demanda daqueles moradores que se colocavam claramente contra o processo de remoção, que ali se iniciava.

Ao longo da passeata, os moradores distribuíram um panfleto intitulado “Manifesto da comunidade do Cantagalo”, assinado pela “comunidade do Cantagalo”:

Agora como se não fôssemos humanos, planejam nos remover, como entulhos para que aquilo que chamam de progresso aconteça. Somos parte da Zona Sul, de Ipanema e do Rio de Janeiro. Porque tomam medidas que agridem nossas vidas sem sequer nos consultarem? Não queremos e não aceitaremos ser arrancados dos lugares onde construímos nossas raízes!

Essa passeata trouxe para a esfera pública a indignação dos moradores dessa favela, localizada em Ipanema, contra aquilo que, até então, eram ameaças de remoção de famílias devido às obras de expansão do Metrô-Rio e do programa de (re)urbanização do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). Na ocasião da manifestação, sabia-se que o Metrô-Rio chegara até a Praça General Osório, em Ipanema, e planejava-se construir um grande elevador interligando uma de suas saídas (Rua Teixeira de Melo) até o alto dessa favela. Para tal, as casas da favela localizadas no caminho do traçado do projeto desse elevador seriam demolidas. Seus moradores, no entanto, ainda não sabiam ao certo como tal processo se daria. A incerteza diante do que lhes aconteceria impulsionava-lhes ao clima de indignação.

Tal manifestação prenunciava uma série de eventos conflitivos através dos quais, aos poucos, se evidenciaram as divergências de perspectivas, os conflitos de interesses e também as alianças dos atores presentes nesse processo. Tal processo de intervenção urbana, que então se iniciava nessa favela, pode ser pensado como uma sequência de dramas sociais², na qual a resistência dos moradores expressa nessa passeata seria seu “estopim”.

A falta de informações sobre quais casas de fato seriam atingidas pelas obras, qual a data exata na qual os moradores deixariam suas casas e qual seria o valor da indenização ou outras formas de reparação instauravam uma forte atmosfera de tensão entre os moradores dessa favela. A dúvida em relação ao que de fato lhes aconteceria ativava o fio da memória e fazia-lhes lembrar de uma situação não muito distante no tempo e no espaço. Muitos desses moradores tiveram laços familiares e de vizinhança desfeitos durante as décadas de 1960 e 1970, quando das políticas de remoção em massa de favelas da Zona Sul da cidade. Alguns moradores do “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo” são oriundos das antigas e extintas favelas próximas dali, como a da Catacumba, Praia do Pinto e Ilha das Dragas. Alguns outros contam que, de cima do Cantagalo, viram a favela da Praia do Pinto, na Lagoa Rodrigo de Freitas, ser destruída pelo fogo. Baseando-se em uma experiência passada e sem informações presentes sobre o que exatamente lhes aconteceria num plano futuro, muitos moradores estavam assombrados por uma ameaça, que, mais de 30 anos depois, voltara a fazer parte de suas experiências cotidianas: a remoção.

²Segundo Victor Turner (2011 [1974]), *dramas sociais* são processos políticos, uma vez que envolvem a competição em torno de fins escassos — poder, dignidade, prestígio — através de meios particulares e da utilização de recursos, que são também escassos — bens, território e dinheiro. Tal conceito foi, originalmente, elaborado por Turner (1996 [1957]), em *Schism and Continuity*, para pensar a estrutura social de aldeias africanas Ndembu de forma processual e dinâmica, colocando em evidência os dilemas de segmentação e continuidade que a constituem. Mais tarde, o conceito foi utilizado pelo próprio Turner como dimensão central para apreender o dinamismo da vida social também em outros contextos. Referindo-se especificamente aos “empreendimentos de renovação urbana” nos Estados Unidos, Turner (1980) ressalta que esses se tornam *dramas sociais* quando há resistência aos objetivos de seus instigadores, pois quem resiste percebe a eclosão do empreendimento como uma ruptura e não como progresso. Dessa forma, inicia-se, assim, o que o autor classifica como a primeira fase do *drama*, que se manifesta inicialmente com a *ruptura* de uma norma ou a infração de uma regra moral ou de etiqueta em alguma arena pública (TURNER, 2011 [1974]).

O evento descrito acima é significativo não apenas por ser o estopim ou o ponto de partida de uma série de outros eventos conflituos relacionados ao processo de intervenção urbana nessa favela em específico. Essa passeata pode também ser tomada como o prenúncio da retomada das práticas remocionistas que, pouco tempo depois, mais especificamente a partir de 2009, voltaram a integrar a pauta da política urbana dessa cidade, deixando, portanto, de ser uma espécie de “fantasma” e tornando-se, novamente, a realidade vivenciada em algumas favelas da cidade. Soma-se a tudo isso o fato de essa passeata ter sido meu primeiro contato com o que veio a se tornar meu objeto de estudo. Partindo da descrição inicial da passeata de São Sebastião, o presente artigo buscará apresentar as principais questões tratadas na minha tese de doutorado e sobretudo refazer parte do caminho percorrido ao longo do trabalho de campo dessa pesquisa, problematizando algumas importantes questões metodológicas.

2. DAS QUESTÕES ABORDADAS

Segundo dados do último censo do IBGE (2010), 6% da população brasileira vive em “aglomerados subnormais”. Na região metropolitana do Rio de Janeiro, o percentual é 14,4%, ao passo que na própria cidade o número chega a 22% e é equivalente a 1,4 milhão de habitantes, distribuídos pelas 763 favelas nela existentes. O chamado “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo” localiza-se entre três dos mais nobres bairros da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro: Ipanema, Copacabana e Lagoa. Segundo o Censo-IBGE 2010, a população total é de 10.338 habitantes, sendo 5.567 do Pavão-Pavãozinho e 4.771 do Cantagalo. Segundo lideranças locais, no entanto, o “Complexo” abrigaria cerca de 20 mil habitantes.

O presente artigo decorre da tese intitulada “Nossa casaca é dupla-face”: dinâmica socioespacial e política local no processo de implementação do PAC e da UPP em uma favela da cidade do Rio de Janeiro”, defendida em 15 de setembro de 2014, sob a orientação do Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP. A tese tem como tema a trama articulada em torno do processo de implementação de políticas públicas em duas favelas vizinhas, situadas na nobre Zona Sul da cidade, que formam o chamado “Complexo Pavão-

Pavãozinho-Cantagalo”. O processo pelo qual passam essas duas favelas – Cantagalo e Pavão-Pavãozinho – teve início em fins de 2007, envolvendo algumas das políticas públicas de maior visibilidade no âmbito político nacional, tal como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) e ainda o processo de regularização urbanística e fundiária.

A partir da análise de diferentes eventos conflituos relacionados ao processo de intervenção dessas políticas públicas, a tese descreve e analisa a dinâmica organizacional dos moradores das duas favelas vizinhas. A forma como os moradores de ambas se organizam em diferentes situações sociais é comparada e analisada, buscando-se, assim, revelar os conflitos, alianças, arranjos e rearranjos em jogo entre eles. O conceito de situação social é central no trabalho de autores contemporâneos que buscam pensar as cidades ressaltando sua dimensão relacional, tal como Hannerz (1980) e Agier (2011). Tais autores dedicam-se a tratar dos desafios e especificidades colocados ao uso desse conceito em contexto urbano. Se não o conceito propriamente dito, traços dele podem ser encontrados na sociologia norte-americana desenvolvida em Chicago, sobretudo na perspectiva interacional desenvolvida por Erving Goffman [1959]. Foi, no entanto, na antropologia britânica, mais especificamente na Escola de Manchester, que tal conceito foi inicialmente proposto e desenvolvido, tornando-se a chave de análise do aparato teórico-metodológico conhecido como *extended case method* ou *situational analysis*³.

Dialogando com autores clássicos da antropologia britânica como Evans-Pritchard (2002 [1940]), Max Gluckman (1987 [1940]), Clyde Mitchell (1987 [1956]), Edmund Leach (1996 [1957]) e Victor Turner (1980), a tese buscou, através da análise situacional, atentar para tudo que ela revela em termos das qualidades dinâmicas e processuais das relações sociais entre os moradores das duas favelas em questão. Apesar de Evans-Pritchard e Gluckman ainda estarem identificados à ideia de coesão social do estrutural-funcionalismo, a tese ressalta que também esses autores contribuíram substancialmente para o desenvolvimento dessa abordagem da antropologia, que privilegia a observação da contradição, do conflito de normas e da manipulação de regras, focando na observação das ações e interações de indivíduos que operam a estrutura social. No referencial teórico-

³Sobre a elaboração do conceito, ver Feldman-Bianco (1987) e Frúgoli Jr (2007).

metodológico desenvolvido pela Escola de Manchester, as situações sociais, os dramas, os conflitos e processos rituais são momentos privilegiados da apreensão etnográfica, pois em torno deles mobiliza-se uma complexa trama de representações, ações e embates que ressaltam ou evidenciam as diferentes percepções e valores em jogo.

A partir da análise de diferentes eventos conflitivos relacionados à implementação das políticas públicas, ao longo da tese analisou-se o dinamismo através do qual os moradores do Cantagalo e os do Pavãozinho definem situacionalmente solidariedades e, sobretudo, hostilidades entre eles, revelando, assim, o jogo da “casaca dupla face”. Por meio da análise dos antagonismos e alianças estabelecidos entre eles em diferentes situações sociais, ressalta-se sua propensão ao conflito, mas também a forma como o princípio da relatividade estrutural se faz presente em suas construções identitárias.

Há uma série de processos e categorias locais que organizam as formas de classificar e usar o espaço desses moradores que não foi levada em consideração por parte dos agentes interventores na concepção e implementação dessas políticas públicas, sobretudo pelo PAC. Essas políticas chegam ali já aprovadas em esferas heterônomas, desconsiderando aspectos importantes da organização socioespacial dessas favelas. Diante de tal constatação, tornou-se necessário buscar entender não apenas a dinâmica das relações estabelecidas entre os próprios moradores, mas também a forma como se relacionam com essas políticas públicas, buscando expor demandas e assegurar seus objetivos.

Dessa maneira, outra importante questão também desenvolvida na tese é a do associativismo. Análises sobre associativismo, movimentos sociais e participação popular não são algo recente nas pesquisas sobre favelas no Rio de Janeiro, tendo sido temas recorrentes das ciências sociais já nas décadas de 1960 e 1970, em estudos clássicos como os de Machado da Silva (1967), Valladares (1978), Medina (1964) e Santos (1981)⁴. O atual momento que vivem as favelas apresenta, no entanto, condições particulares que podem contribuir substancialmente para esse debate. Foram discutidos os desafios, as rupturas e as continuidades que a Unidade

⁴Para um balanço geral sobre como essa temática se constituiu enquanto campo de investigação das ciências sociais, ver Cardoso (1984) e Kowarick (1986).

de Polícia Pacificadora (UPP), o PAC e a política de regularização urbanística e fundiária colocam aos arranjos tradicionais da vida política local.

Ao longo da tese procurou-se descrever a forma como velhos e novos atores da política local percebem e “participam” dessas políticas públicas, dando especial atenção às práticas políticas das lideranças comunitárias e evidenciando a noção de agência implicada nelas. Não se trata de ler as atuações dessas lideranças apenas como formas de resistência a essa política, mas de pensá-las na sua articulação estreita com as próprias dinâmicas da intervenção. Dessa forma, pretendeu-se problematizar a polarização, recorrente em análises desse tema, entre práticas individualistas e coletivistas. Trata-se, portanto, de descrever e analisar como atores, com trajetórias de vida, interesses e perspectivas tão distintos, encontram formas possíveis de engajamento na vida política local.

3. ALGUMAS QUESTÕES METODOLÓGICAS

A forma por meio da qual apreendemos os fenômenos sociais está orientada não apenas pelas opções teóricas do antropólogo, mas também por nossa personalidade e experiência biográfica. O método etnográfico depende do contato estabelecido entre o pesquisador e os indivíduos do grupo estudado, sendo, portanto, suscetível a humores, temperamentos, preconceitos, euforias, paixões, medos e todos os outros elementos que perpassam qualquer tipo de interação social.

O reconhecimento dessa subjetividade pode ser considerado a contribuição de maior relevância elaborada pelo paradigma hermenêutico para a antropologia. A chamada geração pós-moderna norte-americana é representada por autores como Marcus & Fischer (1986) e Clifford (1994), que formularam críticas aos textos clássicos, com questões como as condições de produção da pesquisa, o papel do autor e a ausência no texto de reflexões sobre tais temas. James Clifford (1983) ressaltou, por exemplo, como o estilo textual da etnografia clássica estabeleceu, entre outros aspectos, o pressuposto da autoridade do etnógrafo cuja presença aparece na introdução do livro para valorizar sua experiência pessoal de campo e a

validade de seus dados, mas desaparece ao longo do texto para, através da impessoalidade do discurso indireto, legitimar as conclusões.

A partir do reconhecimento de toda a subjetividade que perpassa o método etnográfico, tornou-se imperativo aos antropólogos buscar encontrar na escrita do texto a forma mais apropriada de lidar com isso. Após receber duras críticas, Foote-Whyte (2005), por exemplo, na década de 1990, escreveu dois anexos para sua clássica etnografia urbana “Sociedade de Esquina” a fim de incluir uma reflexão sobre suas orientações pessoais e sobre todo o contexto no qual seu trabalho de campo havia sido realizado ainda na década de 1940, nos Estados Unidos. Foote-Whyte (2005) destaca que muitos trabalhos falham por conferirem pouca atenção ao processo de pesquisa, situando a discussão apenas em um nível lógico intelectual. Segundo o autor:

Falham quando deixam de levar em conta que, assim como seus informantes, o pesquisador é um animal social. Tem um papel a desempenhar e as demandas de sua própria personalidade devem ser satisfeitas em alguma medida para que ele possa atuar com sucesso (FOOTE-WHYTE, 2005, p. 283).

A necessidade de tratar dessa subjetividade não apenas se demonstra no fato de os etnógrafos perceberem esse tipo de influência sobre os resultados de sua pesquisa e, assim, poderem relativizar algumas de suas posições. Tratar da subjetividade também serve para que os leitores possam, com clareza, melhor avaliar as condições em que a pesquisa foi realizada e, conseqüentemente, a forma como o conhecimento enunciado foi produzido. É necessário, portanto, um investimento do antropólogo na análise do seu próprio modo de olhar.

A antropóloga brasileira Mariza Peirano (1995) chama atenção para os perigos da reprodução no Brasil das ideias pós-modernas de forma acrítica. Segundo a autora, o abuso dessa literatura em cursos de graduação

promove um descrédito prematuro e inconseqüente da tradição da disciplina, fazendo com que os estudantes mal informados passem a ver nos textos clássicos exemplos ultrapassados do realismo etnográfico, de autores positivistas que nunca deram a devida

atenção à dimensão existencial do encontro etnográfico (PEIRANO, 1995, p.26).

Sem negar aquilo que Peirano (1995, p.26) chama de a “dimensão existencial do encontro etnográfico”, mas buscando evitar a “autoabsorção”, apresentarei algumas questões que considero relevantes sobre o trabalho de campo realizado de forma exploratória em 2008 e depois de forma sistemática e prolongada, nos anos de 2011 e 2012.

Além de a passeata, inicialmente descrita nesse artigo, ser relevante por ser o estopim de uma série de outros eventos conflituos relacionados ao processo de intervenção urbana nessa favela, foi nesse evento que se deu meu primeiro contato com tal processo, que se iniciava a alguns quarteirões de minha casa e que, após algum tempo, tomei como objeto de pesquisa no doutorado. Nessa mesma manhã, eu estava na praia no posto 8, local em frente ao qual aconteceu a concentração da passeata. Da areia não era possível saber do que tratava a manifestação e foi Julio — um conhecido “barraqueiro” da praia, que eu sabia ser morador do Cantagalo — quem me contou. Ele possui uma barraca há mais de 20 anos nesse “ponto” da praia, onde vende bebidas e aluga cadeiras e barracas de sol. Apesar de a casa onde ele nasceu no Cantagalo também estar ameaçada de demolição pelas obras de construção do elevador pelo Metrô-Rio e PAC, ele não abandonaria as vendas de sua barraca para participar da manifestação. Não naquele domingo de praia cheia e vendas promissoras.

Nesse dia tudo o que vi e ouvi em relação à manifestação, além da explicação de Julio, foi a distância. Tal acontecimento, no entanto, despertou meu interesse. Passei, então, a buscar informações sobre esse processo de intervenção urbana a fim de elaborar um projeto de pesquisa a ser desenvolvido ao longo do doutorado. É interessante destacar que o aspecto simbólico que perpassa as relações das famílias com suas casas já era para mim um tema de interesse. Em minha dissertação de mestrado, eu havia trabalhado com as formas de sociabilidade em um balneário localizado no Norte do Estado do Rio de Janeiro. Desde a década de 1970, o mar vem, aos poucos, avançado sobre esse balneário e, nesse processo, pescadores e veranistas vêm perdendo, respectivamente, seus locais de moradia e residências de vilegiatura. Salvo as diferenças entre um processo de intervenção

urbana promovido pelo poder público e um “infortúnio” da natureza, nos dois casos trata-se de famílias que, de uma forma ou de outra, estão perdendo suas casas.

A partir daquela passeata dos moradores do Cantagalo, o interesse no assunto foi despertado e, aos poucos, me aproximei do campo em busca de informações que me permitissem elaborar o projeto de doutorado. A fase exploratória do trabalho de campo dessa pesquisa teve início através do Julio. Nascido e criado no Cantagalo, Julio tinha então 50 anos e fora aluno da minha mãe no curso supletivo, vinte anos antes, na Escola Municipal Marília de Dirceu, no bairro de Ipanema. O contato inicial estabelecido na escola entre minha mãe e Julio perdurou com o passar dos anos, uma vez que a minha família frequentava, aos fins de semana, a barraca da praia da qual ele é o dono. Figura extremamente carismática e dono de uma aguçada inteligência social, Julio trata todos os seus fregueses com enorme simpatia. Além da praia, os encontros com ele por determinadas ruas do bairro foram sempre frequentes ao longo desses anos.

A proximidade física e contato cotidiano entre moradores da favela e do bairro são grandes pelas ruas de Ipanema. Não são maiores, no entanto, que a distância social que, em geral, os distingue e os afasta pelas ruas do bairro. O apartamento da minha família localiza-se a três quarteirões de um dos principais acessos do Cantagalo, mas a primeira vez que subi o morro foi por conta da pesquisa. Velho (2002 [1978]), em seu texto “Observando o familiar”, destaca que “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido” (p.126). O autor, nesse texto, se refere aos grupos e indivíduos que encontramos diariamente, que fazem parte da paisagem e do cenário da rua e com cuja presença estamos habituados. Velho (2002) ressalta que há nessa situação uma familiaridade, mas que isso não significa um conhecimento em relação à lógica de suas relações.

Gostaria aqui de acrescentar que, essa “proximidade” com os moradores da favela dada pelos encontros nas ruas de Ipanema, além de não significar um conhecimento sobre eles, fez com que não fossem por mim notados durante bom tempo da minha vida como moradora desse bairro. Simmel [1903], em clássico texto escrito no início do século XX, reflete sobre os dispositivos de adaptação dos indivíduos modernos aos conteúdos e à vida na cidade grande. O autor chama atenção para o

caráter blasé, característico a todo “filho da cidade grande”, que precisa desenvolver essa disposição anímica para poder reagir sem alto gasto de energia a cada novo estímulo da cidade. O autor destaca que:

A essência do caráter blasé é o embotamento frente à distinção das coisas; não no sentido de que elas não sejam percebidas, como no caso dos parvos, mas sim de tal modo que o significado e o valor da distinção das coisas e com isso das próprias coisas são sentidos como nulos. Elas aparecem ao blasé numa totalidade acinzentada e baça, e não vale a pena preferir umas em relação às outras (SIMMEL, 2005 [1903], p.581).

Desde a minha infância, na minha casa era possível, por exemplo, ouvir os tiroteios no Cantagalo, mas esses não eram percebidos como tal. Por mais que esbarrasse, diariamente, com os moradores da favela nas praças, pontos de ônibus, ruas, praia e filas de supermercado do bairro, em geral, a presença deles não era, por mim, registrada. À exceção de Julio, os moradores da favela atrás da minha casa ficavam num registro de invisibilidade ou nulidade.

Foi com Julio que, em 2008, fui pela primeira vez ao Cantagalo. Nesse dia, ele deu um passeio rápido comigo pelo local, fazendo questão de me mostrar os lugares a que eu não deveria ir e nem mesmo passar por perto. Mostrou-me em que direção ficavam as “bocas” (de fumo) dali e disse ainda que eu não passasse da “virada”, região que divide o Cantagalo e o Pavão-Pavãozinho, porque não havia nada para eu fazer “lá do outro lado”. Julio apresentou-me as ruas principais do morro pelas quais eu deveria andar e as fronteiras que eu não devia cruzar, revelando, assim, a forma como eu deveria me orientar naquele espaço. Terminado o curto passeio, ele me levou para o Bisu (Base de Inserção Social e Urbana), escritório do PAC na favela, onde disse que eu encontraria quem me ajudasse com o que eu queria saber, uma vez que ele se dizia “não ligado em política”.

O Bisu ficava na estrada do Cantagalo, rua principal dessa favela e logo na base do morro. Nesse escritório ficava a “equipe de trabalho social do PAC”, tirando dúvidas de moradores em relação ao projeto e realizando reuniões com o CCOMP (Conselho Comunitário do Projeto), formado por lideranças locais. Após me apresentar como “filha da professora Edna” para uma agente comunitária que era

sua amiga e trabalhava no projeto, ele voltou para sua casa. Antes, no entanto, enquanto nos despedíamos, de forma enfática, ele recomendou: “Já sabe por onde não pode andar, né?! Olha lá, Juliana! Presta atenção!”

No dia seguinte, subi o morro pela Rua Saint Roman até o escritório do Bisu, onde assisti à reunião entre agentes interventores do PAC e líderes locais. Durante semanas, fui para aquele escritório, quase diariamente. A estratégia de frequentar o Bisu se apresentava interessante por ali ser um local em que era possível conhecer moradores, líderes, suas demandas e presenciar reuniões entre eles e os agentes interventores. Em um momento em que eu ainda não conhecia os moradores, ali era um lugar de fácil acesso, onde bastava chegar e presenciar as coisas enquanto aconteciam. Exceto uma parada ou outra em alguma birosca para comprar uma água, o trajeto que eu fazia, então, dentro da favela era sempre o mesmo: subia pela ladeira Saint Roman, pegava a Estrada do Cantagalo e, logo no seu início, já chegava ao Bisu. Nessa fase inicial do trabalho de campo, eu circulava, portanto, apenas pelas vias largas, mais urbanizadas e principais, isto é, pelo que Alvito (2001, p. 28) chama de as “bordas da favela”.

Algum tempo depois, a assistente social da equipe de trabalho social do PAC me convidou para acompanhá-los numa visita que fariam a uma região da favela vizinha, Pavão-Pavãozinho, chamada Caranguejo. Bem animada com a possibilidade de circular por outras áreas do Cantagalo e ainda pela favela vizinha, aceitei, de imediato, o convite. Às nove horas da manhã do dia marcado, nos reunimos em frente ao Bisu, de onde, acompanhados de agentes comunitários, seguiríamos até o Caranguejo. Todos da equipe estavam vestidos com coletes verdes que os identificavam como agentes do projeto do PAC. A assistente social havia reservado um para mim e pediu que eu também vestisse. Apesar de certo desconforto em usar o colete com símbolo do PAC, entendi que aquela era a única forma naquele momento de circular por outras áreas. Atravessamos a região da “virada” e, já na favela do Pavão-Pavãozinho, começamos uma subida íngreme em direção ao topo desse morro.

Ao que tudo indica, “os meninos” (do tráfico) já haviam sido informados de que a equipe do PAC faria uma visita àquela região. O colete verde nos identificava como tal e funcionava como uma espécie de salvo-conduto, permitindo que, sem qualquer questionamento, passássemos primeiro por alguns “olheiros” e depois

pela “boca” na região “quarta estação”. Um deles pediu para a assistente social da equipe que guardasse a máquina fotográfica que ela levava nas mãos: “Máquina na bolsa, tia! Sem foto!”. Sem problemas, seguimos até atingir o pico do Pavão-Pavãozinho, chegando, então, à região do Caranguejo.

Após uns cinco minutos da nossa chegada e quando ainda conversávamos com uma família moradora de uma das casas de pau-a-pique daquela região, um intenso tiroteio entre policiais e os traficantes locais iniciou-se na base do morro. Assim que ouvimos os primeiros tiros entramos na casa de um morador, que nos abriu a porta. Em questão de minutos, começamos a observar, pelas frestas das paredes rachadas da sala, uma movimentação do lado de fora. Muitos traficantes subiam num passo apressado em direção à mata, que se localizava logo acima da área onde estávamos. Algum tempo depois, dois helicópteros da polícia militar davam vôos rasantes sobre a região onde estávamos, procurando em vão localizar os “meninos”⁵.

Cerca de duas horas se passaram, até que, por volta de meio-dia, retornamos ao Bisu, na base do morro do Cantagalo. Enquanto descíamos o morro, a vida dos moradores parecia ter retomado seu fluxo normal. A descida até a base do morro do Cantagalo me pareceu interminável. Enquanto os moradores pareciam ter retomado seus afazeres cotidianos com aparente naturalidade, minhas pernas tremiam⁶. Nesse momento, eu só me lembrava da recomendação que Julio havia feito meses antes: “Já sabe por onde não pode andar, né?! Olha lá, Juliana! Presta atenção!”.

Não interessa aqui discutir o quanto fui “afetada” (FAVRET-SAADA, 2005) por essa experiência, mas me arrisco a dizer que, a partir dela, passei a entender o que alguns deles, por vezes, diziam: “Isso aqui não é Disneylândia, não, mermão!”. Com a descrição desse episódio, busquei evidenciar a forma limitada como me foi possível circular pelas favelas nessa fase exploratória do trabalho de campo. Em 2008, o narcotráfico se fazia amplamente presente nessas favelas. Com a saída do

⁵Segundo Jornal O Globo, o “saldo dessa operação policial” foi de sete presos, quatro mortos, três policiais feridos e grande quantidade de drogas e armas apreendidas. Entre as armas uma “metralhadora ponto 30 do exército boliviano, capaz de derrubar um helicóptero e avaliada em 150 mil reais”. <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2008/11/12/policia-faz-operacao-no-complexo-pavao-pavaozinho-139794.asp> (acessado em 21/5/2011)

⁶ Além das pernas trêmulas pelo medo, eu havia torcido o pé esquerdo na lama (Caranguejo), quando corri para me abrigar na casa do morador.

GPAE (Grupo de Policiamento em Áreas Especiais) em 2007, os confrontos entre policiais militares e os traficantes locais do “Comando” voltaram a ser frequentes, durante as “operações policiais”. Nesse período inicial da pesquisa, o trajeto que eu realizava nas favelas ficou restrito ao Cantagalo, mais especificamente, às visitas ao Bisu e a algumas outras instituições e ONGs, localizadas no prédio do “Brizolão”, aonde é possível chegar percorrendo a “borda” da favela, ou seja, as ruas largas e principais do Cantagalo.

Após o episódio do tiroteio, voltei a obedecer as “práticas espaciais” (CERTEAU, 1994 e 1995) que me haviam sido apresentadas por Julio como estratégias na tentativa de evitar esse tipo de situação. Ainda nesse período, aos poucos, aprendi que era melhor subir o morro bem no final da manhã ou já na parte da tarde, porque caso ocorresse alguma operação policial naquele dia, àquela altura já teria acontecido e eu não seria pega de surpresa, como havia, então, acontecido. Da minha casa em Ipanema, passei a ficar atenta aos barulhos de helicóptero e tiroteios no morro. Dependendo da situação, antes de subir o morro, ligava para alguém para saber como estava a situação por lá naquele momento. As tentativas de buscar “ler o clima”⁸ e outras formas de evitar estar no meio do “fogo cruzado” são muitas e as mais variadas, mas o fato é que, em geral, os tiroteios pegam quase todos de surpresa. A questão era, então, evitar estar em determinadas regiões como, por exemplo, no topo do morro.

Ao longo do ano de 2008, minha circulação pela favela era, portanto, restrita às suas “bordas”, onde se localizavam algumas instituições importantes, e também a determinados horários. Circulava respeitando a cartografia local, da qual faziam parte estratégias de evitação de determinadas áreas. Mesmo com os desafios colocados pelo controle do território pelo tráfico armado e pelos constantes confrontos entre esses e os policiais, foi possível, com esse trabalho de campo exploratório, conseguir material etnográfico mais que suficiente para a escrita do projeto de doutorado. No início de 2011, já então no doutorado, retornei ao trabalho de campo, agora de forma sistemática e por períodos mais prolongados.

⁷Cardoso (2010) descreve em detalhes o clima de medo e tensão que imperava nessas favelas no ano de 2007, quando os traficantes locais haviam reconquistado o território e o GPAE se retirou dali fracassado.

⁸Cavalcanti (2008) faz uma interessante abordagem sobre tiroteios e espaço urbano, onde destaca como própria rotina dos moradores das favelas é constituída pela virtualidade de conflitos que podem irromper a qualquer momento.

Nenhuma relação de maior proximidade, no entanto, havia sido estabelecida na fase exploratória do trabalho de campo. Os contatos naquela fase limitaram-se às reuniões e encontros no Bisu e outras instituições e, dois anos depois, ficou difícil retomá-los. Busquei por Julio na praia, mas não o encontrava. Tinha seu telefone residencial, mas a ligação não completava. Enquanto estive fora do campo, em novembro de 2009, uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) foi instalada no “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo”. Em 2011, o controle do território por traficantes ostensivamente armados e as constantes “operações policiais” haviam sido suprimidos nessas e em algumas outras favelas da cidade. As UPPs eram, até então, veiculadas pela mídia, recorrentemente, como um “caso de sucesso”⁹.

Resolvi, então, conhecer o tal elevador e os prédios construídos e inaugurados pelo PAC em 2010; até então, só os conhecia através de notícias de jornais. Nesse dia, após uma caminhada de cinco minutos, cheguei ao elevador e subi até o “mirante da paz”, onde alguns turistas admiravam a vista. Dali os turistas desceram, e eu resolvi seguir andando pela passarela que me levou a um lugar da favela que, até então, eu não conhecia, o Quebra Braço — ou somente “Quebra”. Após percorrer a passarela, que liga o elevador e o mirante à favela, comecei a andar por becos, subir escadas, passar por biroscas e por pessoas que se agrupavam e conversavam nas portas das casas pelas ruas estreitas. Minha circulação por ali se mostrou tranquila e, dessa forma, passei a ir para o Cantagalo sozinha e andar sem direção, me perdendo entre os becos, ouvindo as conversas dos grupos por onde passava e observando crianças brincando juntas, pessoas tomando uma cerveja num botequim, outras indo e vindo do trabalho ou mesmo paradas, descansando numa sombra, conversando com amigos. Naquele momento, desfrutava de uma circulação pelo “interior” da favela, que seriam os becos, travessas e vielas, que apresentam um nível de urbanização reduzido em relação às suas “bordas”.

Naquele momento, início de 2011, entre as alterações causadas no cotidiano desses moradores, uma era por eles apontada, frequentemente: o maior controle sobre a possibilidade de entrar e sair da favela. A frase “a gente sai para trabalhar e sabe que vai poder voltar” era, quase sempre, mencionada e destacava o término da

⁹Segundo Do Nascimento: “Embora as UPPs fossem uma pauta recorrente na grande imprensa carioca, a maioria esmagadora do que era veiculado era feito sem maiores problematizações ou críticas” (DO NASCIMENTO, 2013: p.23)

imprevisibilidade com que conviviam diariamente, quando, a qualquer momento, uma operação policial e tiroteio poderiam ter início. Se, por um lado, os moradores deixaram de conviver com os frequentes tiroteios, fruto das “operações policiais” e os desmandos do controle armado do tráfico sobre o território, por outro o “ir e vir” deles pelas favelas passava então a ser controlado por policiais da UPP através de frequentes “duras” (revistas policiais).

Naquele momento, a entrada da UPP alterava a forma como era possível realizar o trabalho de campo. Não restam dúvidas, no entanto, que a presença da UPP facilitou, consideravelmente, o acesso de pessoas “de fora”, como eu, à favela. Sem o desafio dos tiroteios e do controle territorial exercido pelo tráfico, passei a circular pela favela com maior facilidade. Quando retornei ao trabalho de campo em 2011, os grupos ostensivamente armados pelos quais passava, diariamente e em vários pontos da favela, eram os de policiais da UPP e não mais de traficantes. Esses, no entanto, em geral, não representam perigo a uma moradora branca do asfalto. Diferente do que acontece com os moradores e “gansos”¹⁰, as pessoas “de fora” da favela não tomam “duras” dos policiais e podem circular com facilidade. Ao longo do período em que realizei trabalho de campo, jamais ouvi um relato em que pessoas “do asfalto” e turistas circulando por ali tivessem sido alvo das frequentes “duras” realizadas pelos policiais¹¹.

A principal diferença que a entrada da UPP ali marcou foi a redução da possibilidade do início de uma “operação policial” e da conseqüente irrupção de um tiroteio. Dessa maneira, foi possível me perder e encontrar caminhos, aprendendo não apenas a chegar aos lugares que queria, mas também a fazê-lo por diferentes trajetos. Com o tempo, dependendo do horário e local para onde eu iria, sabia por qual dos cinco acessos possíveis às duas favelas era melhor subir.

¹⁰“Ganso” é um termo do jargão policial para se referir a jovens que são ou foram funcionários do tráfico. Com o passar do tempo e das frequentes revistas, os policiais identificam os jovens que têm “passagem” (pela polícia), e esses passam a ser alvos de “duras” e constrangimentos recorrentes. Mais sobre essas “varreduras” realizadas nas favelas com UPP e os conflitos com moradores, ver Do Nascimento (2013).

¹¹ Kant de Lima (1995), em análise sobre a polícia da cidade do Rio de Janeiro, ressalta que a forma como policiais elegem seus suspeitos para as “duras” está “intimamente relacionada com o preconceito de cor existente no Brasil, devido ao antigo sistema econômico baseado na escravatura” (KANT DE LIMA, 1995: p.57). Tais preconceitos, segundo o autor, teriam sido reforçados ainda por um conhecimento pseudocientífico ensinado em faculdades de direito através da disciplina medicina legal, onde seriam fornecidas “tipologias científicas dos criminosos”.

Obviamente, tal competência adquirida não se aplica a todas as áreas das favelas, mas sim àquelas por onde mais circulei ao longo do trabalho de campo.

Dessa forma, passei a frequentar as inúmeras reuniões de moradores para as quais era convidada. A vida associativa do local passava por um período de forte agitação devido à implementação dos “decretos de uso e ocupação do solo”, que proibia determinadas obras nas residências e delimitava ainda o gabarito das construções¹². A agitação era grande em torno dessas questões. Nessas reuniões fui estreitando vínculos com alguns moradores e, quanto mais eu comparecia às reuniões, mais convites para outras tantas surgiam.

Ainda que a minha circulação pelas favelas tenha sido facilitada pela entrada da UPP, outras questões se colocaram ao longo do trabalho do campo. A minha participação nas reuniões vida associativa local é marcada por alguns momentos que permitem pensar questões metodológicas interessantes. Ao longo do percurso, por mais de uma vez, fui indagada por lideranças, que eu ainda não conhecia, sobre o que eu fazia, para quem eu trabalhava e o que queria ali. No final do ano de 2011, após quase um ano no campo de forma sistemática, uma passagem foi especialmente importante, pois, de alguma maneira, revelou para mim a que grupo, àquela altura do meu trabalho de campo, meu pertencimento era associado no campo de disputas local.

Eu havia sido convidada para uma reunião, que se daria na casa de uma liderança do Cantagalo, por Seu Custódio, de 65 anos, nascido no Pavão-Pavãozinho. Cheguei à reunião com ele, mas, antes que entrássemos na casa, Márcia, logo no portão, me perguntou o que eu queria e, de uma forma bem direta, o que eu tinha para lhe oferecer como “contrapartida”. Após explicar um pouco sobre minha pesquisa e objetivos, deixei claro que, além dos futuros artigos acadêmicos sobre o processo que ali estava em curso, eu nada tinha para lhe oferecer.

Em tom bastante exaltado, a líder do Cantagalo seguiu seu questionamento me perguntando se eu fazia ideia de quantos pesquisadores passavam por ali todos os dias. Por fim, concluiu enfatizando que estava cansada disso e que não me queria em sua casa. Quando eu já me virava para ir embora, Seu Custódio interveio dizendo que eu havia sido convidada por ele e que ela não poderia me tratar

¹² Para mais sobre a articulação desses moradores diante da “crise dos decretos de uso e ocupação do solo”, ver Blasi Cunha, 2012.

daquele jeito. Em tom bem alterado, Seu Custódio disse que, por ele, aquela reunião estava cancelada. Seu Custódio se dirigiu a mim e seguimos andando. Alguns outros líderes apoiaram a atitude de Seu Custódio, juntando-se a nós, e naquele dia não houve a tal reunião.

Essa passagem revela a desconfiança e hostilidade com que alguns moradores e sobretudo lideranças dessas favelas relacionam-se com a enorme quantidade de pesquisadores e também agentes interventores que, quase diariamente, ali chegam. O ceticismo dos moradores e lideranças em relação a pesquisadores e a agentes interventores é fruto das experiências de relações estabelecidas entre esses ao longo de anos. Além dessa desconfiança, o conflito com essa liderança evidencia a forma como, após certo tempo, alguns pesquisadores passam a fazer parte do acirrado campo de disputas entre essas lideranças.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa passagem trouxe à tona algo que eu já sabia, mas ainda não com a devida clareza: àquela altura, após meses convivendo com Seu Custódio e sua família em diversas situações para além das reuniões, eu fazia parte da rede de alianças dele. De brinde, levava as clivagens de suas relações com outras lideranças; passava a conviver, então, com a hostilidade, especulações e acusações de seus antagonistas que, por vezes, se voltavam contra mim.

Não raras foram as vezes em que alguns olhares de desconfiança e mesmo especulações acusatórias sobre a minha presença pairaram no ar, em algumas reuniões. O antropólogo Philippe Bourgois assinala que a necessidade de tecer laços de simpatia com as pessoas que se estuda conduz os investigadores a serem negligentes com as dinâmicas negativas (1995, p.10). A romantização da relação entre informante e etnógrafo — idealmente marcada pela amizade e adoção do antropólogo — de alguma maneira parece ocultar que através de relações hostis também é possível produzir conhecimento. Situações conflituosas, como a descrita acima, revelavam muito sobre as oposições e alianças entre as lideranças locais, que poderiam ser traduzidas pela máxima: “O amigo do meu amigo meu amigo é. O amigo de meu inimigo meu inimigo é!”.

Hannerz (2003) destaca que antropólogos, frequentemente, possuem uma visão bastante romântica de seu trabalho de campo e das pessoas com as quais se relaciona nele. O autor destaca que os antropólogos se orgulham em anunciar que foram adotados por seus informantes e não só porque isso sugere algo sobre suas habilidades como “trabalhadores de campo”, mas também por causa de seu valor moral (HANNERZ, 2003, p.208-09).

Há quase um ano no campo, aquela situação deixava claro que, naquele campo de disputas, não havia espaço para buscar “neutralidade” e, menos ainda, ser simpática com todos. A hostilidade de alguns, no entanto, em nada impedia meu processo de construção de conhecimento; muito pelo contrário, revelava aspectos da dinâmica das disputas entre eles. Ao longo do trabalho de campo, não havia como ser diferente. Nós já vínhamos consolidando uma interlocução forte e, a partir do momento em que Seu Custódio “tomou partido” e posicionou-se claramente em minha defesa, eu deveria retribuir posicionando-me também ao seu lado. Com o passar do tempo, virei uma espécie de “assessora” de Seu Custódio, passando, em sua campanha para o cargo de vereador em 2012, a ser por ele apresentada como sua “diretora de campanha”. Não tenho dúvidas de que nossa “parceria” rendeu não apenas um rico material de pesquisa para mim; também para ele, a presença da “doutora da USP” sempre ao seu lado nas reuniões era interessante.

Após dois anos de trabalho de campo, tal envolvimento com o interlocutor não mais me incomodava, pois já estava mais que claro para mim que, se de fato eu quisesse me inserir e acompanhar de perto a vida política local, não havia espaço para neutralidade. Posicionar-me fazia parte da minha inserção naquele campo. Tal situação vivenciada no campo, no entanto, exigiu um enorme esforço de distanciamento, no momento da escrita etnográfica, para descrever e analisar essas disputas com a clareza necessária.

Dessa maneira, não sem conflitos, fui me inserindo nessa rede e passando a participar de muitas reuniões: as das duas Associações de Moradores; da Associação com a Pastoral de Favelas e moradores; da UPP com moradores das duas favelas ou da UPP com a presença de autoridades convidadas; e, por fim, as reuniões da “equipe de trabalho social do PAC” (2) com o CCOMP (Conselho Comunitário do Projeto).

Essas reuniões acabaram por ocupar um lugar de destaque em minha etnografia, pois tornou-se possível observar a forma como os moradores e as lideranças se engajam e atuam politicamente, buscando expor suas demandas e garantir diferentes interesses diante das políticas públicas em questão. Através dos antagonismos e alianças expostos nessas reuniões, foi possível pensar na dinâmica organizacional mais ampla que orienta as práticas sociais cotidianas desses moradores do Cantagalo e do Pavão-Pavãozinho. As diversas reuniões comunitárias constituíram um *locus* privilegiado de observação etnográfica.

As inúmeras reuniões apresentavam-se como um palco onde, de maneira conflituosa, os interesses divergentes e também convergentes eram nitidamente expostos. Nelas, lideranças e agentes interventores, em um momento, disputavam entre si, e, em outro, cooperavam e buscavam uma solução em relação às decisões a serem tomadas. Segundo Turner, “uma arena é um arcabouço — seja ele institucionalizado ou não — que funciona manifestamente como um cenário para a interação antagonística cujo intuito é chegar a uma decisão publicamente reconhecida” (TURNER, 2008, p.123).

A adoção do *extended-case method* ou *situational analysis*, arcabouço teórico-metodológico desenvolvido por autores da Escola de Manchester, privilegia a observação sistemática de casos que incluem disputas, por serem esses os instrumentos mais profícuos para se desvendar o desenvolvimento e mudanças das relações entre indivíduos que interagem num dado contexto social. Dada a premissa de que as normas de uma sociedade são vagas e discrepantes, a ênfase é no comportamento real das pessoas e não em declarações de informantes sobre normas ideais de comportamento; isso lembra, assim, a distinção feita por Malinowski sobre a diferença entre o que as pessoas de fato fazem e aquilo que dizem fazer. Ocorre, assim, uma preferência pelos dados colhidos diante de um conflito de regras ou direitos sociais ou de uma passagem crítica e ritualizada da vida social, nos quais afloram os diferentes grupos de interesse, *status* e personalidade.

Além de me permitirem observar o comportamento político dos moradores e a dinâmica organizacional mais ampla dos moradores das duas favelas, essas reuniões possibilitaram estabelecer e aprofundar relações com alguns moradores que acabaram por se tornar importantes interlocutores da pesquisa. Após algum tempo de contato ao longo dessas reuniões e conversas sobre as questões das

intervenções pelas quais a favela passava, foi-se estabelecendo uma relação de maior proximidade com alguns moradores, o que acabou por abrir espaço para conversas sobre outros temas, que não apenas o da política local. Assim, passei a marcar “entrevistas abertas” nas casas de algumas dessas pessoas ou de parentes, onde, através das memórias e narrativas, foi possível compreender a história da ocupação desse lugar e a forma como esses moradores se organizaram, se diferenciaram e se distribuíram ao longo desse território.

Paralelamente às reuniões comunitárias, busquei, desde o início do trabalho de campo, me aproximar de atividades ali dentro que não passassem apenas pela apertada agenda dessas reuniões. Dessa maneira, passei a fazer as unhas semanalmente com uma manicure local, que se tornou uma importante interlocutora; fiz aulas de boxe por sete meses na Academia de Boxe Nobre Arte; frequentei o baile *funk* na quadra do Cantagalo e o pagode no “Cafezinho” (bar) às sextas-feiras; sobretudo no começo, comparecia a quase todos os eventos para o qual fosse convidada.

Dessa forma, além de observar o cotidiano dos moradores, consegui me aproximar de pessoas que me apresentavam a outras pessoas, estabelecendo uma rede de interlocutores que não se restringia às lideranças locais. No Cantagalo Julio contribuiu bastante para a expansão e consolidação dessa rede, ao passo que no Pavão-Pavãozinho o vínculo com Seu Custódio assegurava a minha aproximação com alguns importantes interlocutores. Através das memórias e narrativas dos moradores sobre outros aspectos da vida associativa local, que não apenas a política (no sentido estrito do termo), mas também, por exemplo, os blocos de carnaval e os times de futebol, foi possível pensar com maior riqueza de detalhes no tipo de relação e dinâmica estabelecida entre os moradores do Cantagalo e os do Pavão-Pavãozinho. O conhecimento desses aspectos históricos da formação desse lugar e da dinâmica socioespacial do passado foi fundamental para a compreensão de muitas questões que perpassam o comportamento político desses moradores, os conflitos entre eles próprios e aqueles com o poder público.

Em 2013, comecei, aos poucos, a me afastar do campo. Tal desligamento foi confuso e inquietante, em parte pela proximidade da minha casa em relação às favelas. Aos poucos, no entanto, me afastei da rotina que havia estabelecido e passei a subir o morro apenas em algumas situações especiais. Em agosto de 2013,

me mudei de Ipanema, o que acabou facilitando o desligamento do campo necessário ao início do processo de textualização da etnografia. Em visitas ao bairro de Ipanema, no entanto, os encontros com “eles” pelas ruas do bairro eram recorrentes. A essa altura, meus antigos vizinhos não me eram mais “invisíveis”. Muito pelo contrário, àquela altura, era a presença deles o que eu mais percebia na praia, no supermercado ou no ponto de ônibus em Ipanema ou Copacabana. Eu agora os notava em todos os lugares espalhados pelo bairro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. (2011). *Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.

Alvito (2001) ALVITO, Marcos. (2001). *As cores de Acari: uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.

BLASI CUNHA, Juliana. (2012). Regularização urbanística e fundiária em uma favela da cidade do Rio de Janeiro: Conflitos, Percepções e Práticas em jogo no processo. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social* - Vol. 5 - no 3 - JUL/AGO/SET 2012 - pp. 483-511

CARDOSO, Ruth C. (1984). "Movimentos sociais urbanos: balanço crítico". In: SORJ, B. & ALMEIDA, M. H. T. (org.) *Sociedade e política no Brasil pós-64*. São Paulo, Brasiliense, p. 215-39.

CARDOSO, Marcus. (2010). *Como more um projeto de policiamento comunitário: o caso do Cantagalo e do Pavão-Pavãozinho*. Tese de doutorado em Antropologia. Brasília: UNB.

CAVALCANTI, Mariana. (2008). Tiroteios, legibilidade e espaço urbano: notas etnográficas de uma favela carioca. *Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*. V. 1, 2008, p. 35-59.

CERTEAU, Michel. (1995). *A cultura no plural*. Campinas: Papirus.

_____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. (1994). Petrópolis: Vozes.

CLIFFORD, James. (2002 [1994]). *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora URJ.

DO NASCIMENTO, Vânia Regina. (2013). Dos tribunais do tráfico a mediações de conflito. Um estudo das representações sobre a administração institucional de conflitos em uma Unidade de Polícia Pacificadora no Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado em Antropologia. Niterói: PPGAS-UFF.

- EVANS-PRITCHARD, E. E. (2002 [1940]). *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições de um povo nilota*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*. N.13, 2005, p. 155-161.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. (1987). Introdução. In: Feldman-Bianco, Bela (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Global.
- FOOTE-WHYTE, William. (2005 [1943]). *Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FRÚGOLI JR., Heitor. (2007). *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- GLUCKMAN, Max. (1940/1958)]. “Análise de uma situação social na Zululândia moderna”. In: FELDMAN-BIANCO, B., (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Global, 1987, p. 227-344.
- GOFFMAN, Erving. (1985 [1959]). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- HANNERZ, Ulf. (1980). *Exploring the city. Inquiries towards an urban anthropology*. New York: Columbia University Press.
- _____. Being There... and There... and There!: Reflections on Multi-Site Ethnography. Vol. 4, N. 2, Jun 2003, p. 201-216.
- KANT DE LIMA, Roberto. (1995). *A polícia da cidade do Rio de Janeiro: seus dilemas e paradoxos*. Rio de Janeiro: Forense.
- KOWARICK, Lucio. (1986). *Movimentos urbanos no Brasil contemporâneo: uma análise da literatura*. São Paulo.
- LEACH, Edmund. (1996. [1954]). *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: Edusp.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. “A política na favela”. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*. Vol. 4, N. 4, OUT/NOV/DEZ 2011, p. 699-716. [1967]
- MARCUS, George E.; FISCHER, Michael M. J. (1986). *Anthropology as cultural critique: an experimental moment in the Human Sciences*. Chicago: University of Chicago Press.
- MEDINA, Carlos Alberto de. (1964). *A favela e o demagogo*. São Paulo: Martins. (coleção leituras do povo)
- MITCHELL, J.C. (1956). *The Kalela Dance*. Manchester: Manchester University Professor Rhodes Livingstone Institute.
- PEIRANO, Mariza. (1995). *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. (1981). *Movimentos urbanos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. As grandes cidades e a vida do espírito. (2005 [1903]) *MANA. Estudos em Antropologia Social*, 11(2), p. 577-591.

TURNER, Victor. (1996 [1957]). *Schism and Continuity in an African Society*. Manchester: Manchester University Press.

_____. (1980). "Social Dramas and Stories about them" in *Critical Inquiry*, Vol 1, N.7.

VALLADARES, Lícia do Prado. (1978). *Passa-se uma casa: Análise do Programa de Remoção de Favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar.

VELHO, Gilberto. (2002 [1989]). *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Outras referências:

<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2008/11/12/policia-faz-operacao-no-complexo-pavao-pavaozinho-139794.asp> (acessado em 21/5/2011)

<http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/06/no-rio-m-de-imovel-de-luxo-pode-custar-mais-que-o-dobro-do-de-sp.html> (acessado em 18/06/2014).

Juliana Blasi Cunha

Doutora em Antropologia Social pela USP, pesquisadora do Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro IFCS/UFRJ) e do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (Geac/PPGAS/USP)